

The background of the cover is a high-angle photograph of a rugged landscape. In the foreground and middle ground, there are several ancient stone structures, likely ruins of a castle or fortress, built on a rocky hillside. The structures are made of light-colored stone and are partially overgrown with green trees and shrubs. The terrain is rocky and uneven. In the background, a wide valley opens up, showing a winding road and some agricultural fields. The sky is a clear, bright blue. The overall scene is one of historical significance and natural beauty.

**KOL  
NEWS**

PUBLICAÇÃO DO FUNDO COMUNITÁRIO E DIVISÃO FEMININA DEZEMBRO 1989 Nº 28 EDIÇÃO TRIMESTRAL

# *Golan* emoções em conflito

# D. Pedro II: fascínio pelo judaísmo

por Prof. Dr. Reuven Faingold



Pergamimbo da Torá de D. Pedro II

## Nascimento e genealogia

Rio de Janeiro, 1825. Com a idéia predestinada que “O céu sabe o que faz”, nascia Pedro d’Alcântara, o último Imperador do Brasil. Muito cedo, o príncipe ficou órfão; passou a ter uma vida tranqüila, comparecendo no Paço apenas nas solenidades públicas. A Quinta da Boa Vista, tornou-se sua residência oficial.

D. Pedro II amava os estudos. Conhecia várias línguas da Eu-

ropa, e era versado em disciplinas clássicas e orientais. Misturava-se nele um pouco de bibliógrafo, astrônomo e helenista. Tinha uma forte curiosidade pelas descobertas científicas.

D. Pedro II era um Bourbon mas também um Bragança; da estirpe dos reis de Portugal. Ibéria teve no século XVII, um número grande de cristãos novos. Por que não haveria de fluir sangue judaico num descendente dos governantes lusitanos?

Uma história relata a possível mácula judaica na dinastia dos Bragança. Certa vez, durante o ministério do Marquês de Pombal, apresentou-se um cortesão perante o rei de Portugal, propondo-lhe que os descendentes de ‘*conversos*’ portassem um chapéu amarelo para diferenciá-los de outros grupos da sociedade. O rei estava entusiasmado com a idéia, porém foi dissuadido pelo cortesão que deveria colocar esta medida em

prática. Subitamente, este funcionário se apresentou diante do soberano com três chapéus amarelos. Tomou o primeiro para si e distribuiu os outros dois da seguinte forma: "Um deles, iria para o Inquisidor-mór e o terceiro seria destinado a Vossa Majestade "em homenagem a formosa judia" de quem precede a Casa de Bragança. Quem seria aquela "formosa judia"? Tratava-se de Inês Fernandes Esteves, filha de judeu espanhol já convertido, sapateiro de profissão, chamado Mem ou Pero Esteves, conhecido como "Barbadão de Veiros", que teria vivido na cidade da Guarda. Inês teve dois filhos com um bastardo real, que seria rei de Portugal com o nome de D. João I. Um deles, D. Afonso (1377-1461), foi sagrado primeiro Duque de Bragança, e de sua semente sairiam os futuros reis de Portugal e Imperadores do Brasil.

#### Estudos gerais e o hebraico

Mestres, horários rígidos, costumes, solidão e conselhos recebidos de pessoas influentes, revelam a realidade do "órfão da nação", cujo perfil de monarca vai sendo lapidado. D. Pedro II era disciplinado. Os "Diários" são fiel retrato do empenho e dedicação demonstrados nas suas tarefas. Eles testemunham que o estudo começava bem cedo. O tempo que não estava programado seria ocupado com leituras, conversas ou recebimento de visitas. Estudou línguas exóticas, como: sânscrito, grego, chinês, árabe e naturalmente o hebraico. O poeta luso Ramalho Ortigão, na obra "As Farpas", faz ironizados elogios à importância atribuída à língua dos hebreus:

*"Apeteceu-lhe hebraico. Vossa Majestade libou o severo idioma bíblico dos Patriarcas, e sentiu-se refrigerado e satisfeito".*

Desde jovem, D. Pedro II acaletava o desejo de conhecer a língua hebraica, o idioma da Bíblia. Naquela época o hebraico não passava de uma língua utilizada apenas para liturgia e culto. Ainda não havia sido renovada nem recriada. Seu

*D. Pedro II era disciplinado. Os "Diários" são fiel retrato do empenho e dedicação demonstrados nas suas tarefas. Eles testemunham que o estudo começava bem cedo. O tempo que não estava programado seria ocupado com leituras, conversas ou recebimento de visitas. Estudou línguas exóticas, como: sânscrito, grego, chinês, árabe e naturalmente o hebraico.*

renascimento como língua falada, capaz de comunicar os judeus do mundo, aconteceria posteriormente; graças ao pioneirismo de Eliezer ben Iehuda.

Na introdução as "Poesias Hebraico-provençais do Rito Israelita Comtadin", D. Pedro II registra o motivo pelo qual se dedicara a estudar o hebraico:

*"Quanto ao histórico de meus estudos hebraicos empreendidos com o fito de melhor conhecer a*

*história e a literatura dos judeus, principalmente a poesia e os Prophetas, assim como as origens do Christianismo, taes estudos remontam aos anos de paz que antecederam a Guerra do Paraguai, em 1865.*

*Enceteci-os durante as minhas permanências em Petrópolis com o Sr. Akerblom, judeu succo. Mais tarde retomei-os com o Sr. Koch, ministro protestante, alemão, preceptor do filho da Sra. Condessa de Barral, aia de minhas filhas. Após a morte súbita deste, prossegui-os com o doutor Henning... e desde 1886 com o meu sábio colaborador e professor de línguas orientais, o doutor Ch. F. Seybold, com quem também continuei o estudo sério do árabe, outrora começado com o Barão de Schreiner, ministro da Austria no Brasil, que eu já conhecia do Egito..."*

O texto é interessante por dois motivos: elucida o valor atribuído pelo imperador à literatura judaica, e menciona os nomes dos 4 professores de hebraico.

O Museu Imperial de Petrópolis conserva 19 fols. dos "Glossarium Hebraicum Liber Genesis I-II & Psalorum"; exercícios gramaticais ou cadernos de hebraico do Imperador. Nelas notamos que todas as explicações dadas por Pedro II não aparecem em português e sim em inglês e grego. As notas nas margens das páginas, foram feitas em latim com caligrafia miúda.

#### A guerra do Paraguai: 1865-1870

D. Pedro II participou do conflito com o Paraguai, e assumiria uma centralidade que já havia obtido no campo cultural. A imagem de "rei guerreiro", tão distante de seu perfil

humanista, começou a ganhar popularidade.

A Guerra do Paraguai durou cinco anos, e apesar da vitória final brasileira, ela teve consequências negativas para todos os envolvidos. Para os paraguaios, em especial, a perda da guerra significou a destruição do Estado nacional.

Durante a guerra, D. Pedro II visitava escolas, examinava provas e percorria hospitais. Os anos que antecederam à Guerra são um ponto de referência para poder enquadrar o histórico dos estudos hebraicos de D. Pedro. Nesta época, ele conhece o padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (1834-1900), filho de um rabino e autor de um poema em língua hebraica, que comemorava a vitória do Brasil na Guerra do Paraguai. Escrito em 1870, o poema laudatório leva o título: "Lashilton shel Brasil – Petrus Beit: Shira Leiom Hazikaron kol Umah begvul Hamilchama al Paraguai". [Ao Governo do Brasil – Pedro II: Poema para o Dia da Recordação de toda a Nação na Guerra do Paraguai].

Um outro fato marcante na Guerra do Paraguai foi a participação de um soldado judeu na batalha. Seu nome: Francisco Leão Cohn. Filho mais velho de Leão Cohn, Francisco seguiu carreira militar, e; por ocasião do aniversário de D. Pedro, foi nomeado "Cavaleiro da Ordem de Cristo", uma distinção reservada apenas a militares de fé católica. Em 1849, Cohn se tornava "Cavaleiro da Ordem da Rosa".

Durante a Guerra do Paraguai, a Guarda Nacional foi solicitada. Em 26/02/1865, o primeiro contingente de soldados saiu do RJ, comandado por Francisco Leão Cohn. O próprio Im-

perador entregou a bandeira nacional a este judeu no momento do embarque das tropas brasileiras. Encerrada a guerra, Cohn obteve o procurado título de "Coronel da Guarda Nacional".

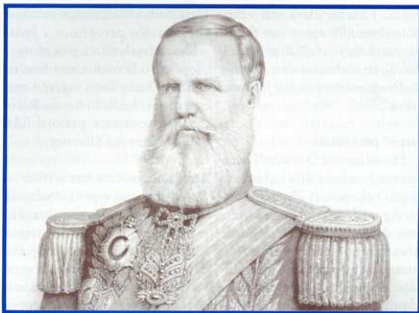
#### O monarca itinerante

Somente depois da primeira metade do reinado, Sua Majestade empreendeu suas três grandes viagens internacionais: 1) à Europa: 25/05/1871 – 30/03/1872; 2) aos Estados Unidos, Escandinávia, Rússia, Oriente e Europa: 26/03/1876 – 25/09/1877; e 3) à Europa (já doente): 30/06/1887 – 22/08/1888

D. Pedro II viajava sem muita cerimônia, vindo tudo o que é possível ver. Na viagem de 1876, visitou a Rússia, participando de um Congresso de orientistas na Universidade de São Petersburgo. Na sessão inaugural, recebeu o título de membro de honra. Assistiram ministros, cientistas russos, convidados estrangeiros e numeroso público.

Jornais traziam artigos com o retrato do casal imperial nas suas manchetes: "The Illustrated London News", "L'Illustrazione

**D.** Pedro II viajava sem muita cerimônia, vindo tudo o que é possível ver. Na viagem de 1876, visitou a Rússia, participando de um congresso de orientistas na Universidade de São Petersburgo. Na sessão inaugural, recebeu o título de membro de honra. Assistiram ministros, cientistas russos, convidados estrangeiros e numeroso público.



D. Pedro II fardado

Italiana”, e a “Ilustração Anglo Brasileira”, sem incluir aqueles que circulavam em espanhol, dinamarquês, russo e hebraico.

Visitas realizadas à Templos judaicos representavam um espetáculo à parte, pois o Imperador fazia questão de participar do culto sinagoga. O “Diário de viagem à Europa em 1871”, relata a visita feita em 08 de julho à Sinagoga de Londres. Depois de entrar na Sinagoga Central, o jornal “The Times” em 14/07/1871 comunicava a seus leitores: “The Emperor of Brazil versed in Hebrew, read, and understood the service”. Passado quase meio mês, um jornal carioca comunicava a proeza da Sinagoga Central: “Produziu grande impressão ter S.M. tomado um livro e lido correntemente o hebraico”.

Em 1876, cinco anos depois, D. Pedro II repetiria a mesma façanha. Escreve o “Daily Evening Bulletin” (29/08/1876):

*“Na Sinagoga, em Sutter Street, repetiu a proeza de Londres. Discutiu hebraico com os rabinos. Fez questão de desdobrar e traduzir o rolo sagrado; e isso era respeitável”.*

Na mesma época, o protestante J.C. Fletcher dava um valioso testemunho sobre sua fluência em hebraico: “Ouví ele (D. Pedro) ler hebraico sem vogais, tão fluentemente como se fosse um judeu”.

#### Paixão pela Bíblia

Desde jovem, D. Pedro II acentuava o desejo de conhecer a língua hebraica, o idioma bíblico. Aguardava com ansiedade a hora de poder lê-la no original. A enorme vontade com que o monarca se dedicou ao aprendizado do hebraico, lhe permitiu adquirir avanços que o habilitavam para verter livros da Bíblia;

entre eles: o “Cântico dos Cânticos”; o “Eclesiastês”; as “Lamentações”; “Provérbios”; “Isaías”, os “Salmos”, o “Livro de Rute” e o complexo “Livro de Job”.

A biblioteca imperial guardava Bíblias ilustradas em quase todas as línguas. Dentre elas, uma Bíblia em francês com ilustrações do Novo Testamento.

Traduzir trechos da Bíblia virou uma forte obsessão. Na viagem à Terra Santa, todos os dias fazia traduções. O mestre era Henning. Horários e lugares históricos que inspirassem o monarca, eram escolhidos para tal finalidade. Durante esta viagem, examinou alguns lugares citados na Bíblia, mas, as vezes lamentava não ter naquele momento o texto para traduzir determinadas passagens.

D. Pedro II revelava seus conhecimentos bíblicos e, às vezes, ensaiava algumas digressões filológicas baseadas na onomástica bíblica. O soberano relacionava a leitura e interpretação da Bíblia à obras de arte visitadas nas viagens.

Uma das traduções mais bonitas é a tradução do hebraico do Salmo 122, “Vamos subir à Casa do Senhor”, descrevendo a chegada dos peregrinos a Jerusalém. Atendendo a esta obrigação, Pedro II traduz este bonito Salmo. Outro livro sagrado que o fascinou foi o Livro de Rute, um belo romance pastoril lido pelos judeus em Shavuot.

#### Peregrino na Terra Santa: 1876

Os 24 dias em que D. Pedro II visitou Oriente, ficaram registrados no “Diário de Viagem à Palestina”. O Levante fazia parte da segunda viagem, cujo objetivo era participar das comemorações do Centenário da Independência dos Estados Unidos. Esta

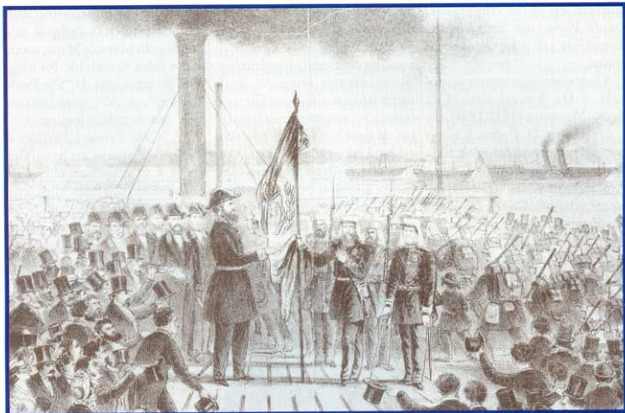
viagem ficou memorável pela repercussão que teve na imprensa, e pelo episódio com o inventor do telefone, Alexandre Graham Bell.

Em 540 dias, D. Pedro conheceu mais de 100 cidades entre Estados Unidos, Escandinávia, Rússia e o exótico Oriente. Na época as viagens eram demoradas. Sem conforto nem mordomia, o percurso era feito a pé. Mulheres, damas de honra e criadas, viajavam em liteiras conduzidas por “mucres” ou criados de caravana. A tração humana não era segura. Liteiras como animais não suportavam as quedas. À noite era proibido viajar por medo dos ataques beduínos.

O roteiro do imperador incluiu: Beirute, antiga Baalbeck e Damasco, o Hermon, Tiberíades, Safed, Nazaré, Jenin, Nablus, Jerusalém, Belém, Jericó, Latrúm, Ramle, Lida e Jafa. Esta visita foi realizada com explicações do seu guia Frei Lévin de Hamme; sempre elogiado pela sua inteligência e seu espírito esclarecido.

Existem quatro momentos curiosos que merecem ser citados nesta viagem de peregrinação de Pedro II: 1) o encontro com Abd-El-Kader, líder da revolta árabe na África contra os franceses; 2) a visita em Damasco à Jane Ellenborough, uma exótica “lady britânica” de modos refinados casada com o cheik beduíno Mejuel; 3) uma visita à sinagoga de judeus samaritanos; e 4) a missa realizada no Santo Sepulcro para comemorar seus 51 anos de vida.

Estudando jornais hebraicos publicados na Palestina, sabemos que os judeus de Jerusalém ficaram desapontados pelo fato que D. Pedro II não visitou suas sinagogas; prestigiando somen-



Francisco Leão Cobn recebe a bandeira nacional

te a sinagoga dos samaritanos. Esquecimento? Difícil achar uma resposta. Resta apenas registrar o desapontamento dos judeus pela sua inexplicável atitude.

A visita de D. Pedro II à Terra Santa foi uma visita não-oficial, uma viagem de profunda devoção, um sonho acalentado durante toda uma vida. Galopando uma égua branca, ele era acompanhado por uma comitiva de quase 200 pessoas. Era a primeira visita de um governante brasileiro à Terra Santa.

#### Judeus na corte imperial

Segundo recenseamento de 1872, poucos judeus moravam no Brasil. Para uma população de 10 milhões de pessoas, 26.766 não eram católicos, e destes, 2.309 eram de origem judaica. Vários judeus participaram ativamente da corte de D. Pedro II. Poderíamos falar de uma espécie de "lobby", um círculo bem

definido de judeus que contribuíram de forma considerável para o progresso do país.

Toda verba destinada a funcionários da corte, reformas, compras de livros, manuscritos, lustres, móveis, tapetes e outros investimentos para uso da família imperial, eram confiadas a um mordomo, nomeado pelo Imperador.

A mordomia mantinha contato direto com o exterior. Começamos pelo judeu Bernard Wallerstein. A Wallerstein-Masset & Company era a fornecedora da Casa Imperial. O Rei da Moda, como era conhecido Wallerstein, encomendava de Paris cristais, porcelanas, espelhos, quadros, relógios, móveis, lustres e esculturas.

Livros, revistas e manuscritos eram entregues ao monarca por judeus. O judeu Berliner, um professor de caligrafia de Paris, ofereceu dois livros para o impera-

dor. Obras chegavam em quantidades. Em 1877, o judeu italiano A. Curiel, redator do "*Correio Israelítico*", enviou um fascículo desta revista.

Em 1878, o rabino Isidor Halisch enviou dos Estados Unidos um livro em hebraico, ao qual o Pedro II agradeceu. O escritor Friedrich Israel enviou, entre outros, seu "Conselho de Estado na Prússia". Por 1884, ele solicitava à embaixada em Paris adquirir um exemplar da obra "Mission des Juifs". Além de livros, eram ofertadas composições, todas dedicadas ao Imperador do Brasil. Exemplos: Paul Herzberg (1878); Julius Gaspary (1883); Joseph Hollmann (1889), etc. Há também um ofício curioso. Nele D. Pedro II agradece a um tal Salomon Hurwitz pela oferta de um manuscrito descoberto em Jerusalém.

Mas nem tudo era doado. A biblioteca imperial se constituiu

da época. José Bonifácio não gostava de Buschenthal, e costumava dizer a Pedro II:

*"Não vá entregar nas mãos de um traste os meus interesses pecuniários".*

A participação de famílias judaicas na agricultura e colonização do Brasil foi notável; principalmente por parte de imigrantes chegados dos Estados Unidos. Dentre elas, destacaremos a família Nathan. Em 1870, Charles Nathan expunha a D. Pedro II o precário estado em que se encontrava a "Fazenda Funil", a futura cidade de Americana. Em consequência das enchentes e da seca, Nathan viu-se obrigado a sustentar 400-500 imigrantes sulinos, para não deixá-los perecer de fome. Nathan forneceu a todos meios necessários; mas logo depois, solicitou ao Governo socorro, já que carecia de meios para tão nobre fim.

Na música, mencionaremos dois virtuosos pianistas: Louis Morreau Gottschalk (1829-1869) e Alexandre Levy (judeu brasileiro). O primeiro estudou com Berlioz e estreou em Paris, em 1844. Chegou ao Rio, dando concertos de sucesso; alguns na presença de D. Pedro II. Sua célebre "Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional" foi tocada em 20/11/1869. A segunda apresentação de Gottschalk, programada para 26/11/1869, não chegou a concretizar-se, porque o compositor judeu-americano passou mal, morrendo dias depois de febre amarela.

Alexandre Levy (1864-1892), descendia de uma família judia de músicos. Era um dos quatro filhos de Henrique Luiz Levy, fundador da "Casa Levy" (1860),

um ponto de reunião de todos os grandes artistas da época. Alexandre era um compositor romântico. Foi um dos que incorporou à música temas característicos do país, um precursor do movimento nacionalista musical no Brasil. Entre suas obras: "Variações sobre um tema brasileiro (Vem cá Bitú)", "Comala", "Súite Brasileira para Orquestra", "Fantasia sobre motivos do Guarani", "Hino ao Quatorze de Julho", "Schumannianas" para piano, "Sinfonia em

*A participação de famílias judaicas na agricultura e colonização do Brasil foi notável; principalmente por parte de imigrantes chegados dos Estados Unidos. Dentre elas, destacaremos a família Nathan. Em 1870, Charles Nathan expunha a D. Pedro II o precário estado em que se encontrava a "Fazenda Funil", a futura cidade de Americana.*

mi"; sendo sua principal composição o famoso "Tango Brasileiro".

No teatro, a atriz Sarah Bernhardt (1844-1923), a gloriosa "Diva Sarah", foi incomparável. Filha ilegítima de uma judia holandesa, começou a aparecer em papéis importantes no Teatro Odeon, e mais tarde apresentou dramas clássicos e românticos na tradicional "Comédie Française".

Sua primeira "tourné" pelo Brasil em 1866 gerou grande agi-

tação. Os ingressos para suas apresentações eram caros, mas as pessoas acotovelavam-se diante das bilheterias para obter ingressos. D. Pedro II convidou-a para visitar o camarote imperial, presenteando-a com uma pulseira de ouro. Em 1915 teve uma perna amputada, mas continuou a representar sentada até o fim da vida.

A lista de artistas que pode ser citada é grande e incluiria: o casal Joseph Heine (rabequista cego) e Ada Heine (pianista); Cecília Silberberg (pianista); as irmãs Mathilde e Virginia Sinai (pianista e violinista) de Belém do Pará; Harold H. Hime; Paula Buchheim; Ida e Helena Goldsmid, Robert Kinsman Benjamin; e outros.

Nos anais da história do Cristianismo e da história judaica, Ernest Renan ocupa um lugar de destaque. Sem ter preenchido o cargo de professor de hebraico de D. Pedro II, Renan foi seu confidante de hebraico e sânscrito. Gobineau admirava Renan, e enviava desde Paris todos os livros publicados pelo professor do Collège de France. O monarca, sempre agradecido, lhe respondia comentando os seus textos. Nos jornais franceses lidos no Rio, as matérias de Renan preenchiam espaços significativos. Críticas de outros historiadores, como E. Scherer, sobre a "História do Povo de Israel" de Renan, também eram lidas por D. Pedro II. A opinião de Renan sobre o hebraico era muito valiosa para nosso imperador.

#### D. Pedro II e a "Sociedade Israelita do Brasil": 1870-1873

São escassas as informações sobre instituições judaicas no Brasil imperial. Desde os primórdios da Independência exis-

tiam apenas duas comunidades judaicas organizadas, ambas localizadas em Belém de Pará.

Em 1870 foi fundada a "Sociedade Israelita do Brasil" de acentuadas finalidades filantrópicas. A devida aprovação e reconhecimento desta congregação não foi imediato. Passaram-se dois anos e meio até que seus membros foram cumprimentar as Suas Majestades em abril de 1873. Os estatutos da entidade haviam sido aprovados "com rubrica de S.M. o Imperador", e publicados, a seguir, no "Diário Oficial" em 28 de janeiro de 1873.

Sobre uma das diretorias da "Sociedade Israelita do Brasil" há uma interessante ocorrência. Conta-se que após ter sofrido um atentado, uma delegação de judeus da Alsácia veio cumprimentar D. Pedro II por ter escapado ileso. O monarca, surpreso pela amabilidade dos judeus, pensou prestigiar a comitiva, palestrando com seus membros em hebraico. Qual não foi, porém, o seu espanto, quando aqueles judeus lhe declararam não conhecer a língua sagrada.

D. Pedro II conheceu diferentes instituições judaicas fora do Brasil. Nas longas viagens, visitava entidades filantrópicas; e as vezes os judeus lhe entregavam como lembrança, diplomas de reconhecimento. No IHGB há belíssimos diplomas entregues ao Imperador pelos judeus britânicos e austríacos.

#### Judaísmo no exílio

O exílio de Pedro II foi um dos acontecimentos mais tristes da história do Brasil. Durante anos, este episódio foi contado sob uma ótica diferente, como se tudo não passasse de uma "festa de despedida". Longe disso, a saída da família imperial deixava

um clima de culpa, tristeza e vergonha.

A família imperial foi exilada, mas entre os exilados não havia judeus.

No entanto... Paris lhe trazia saudades. Na terceira viagem internacional, Pedro II conheceu o rabino de Avinhão, Benjamin Mossé, que lhe ofertava uma tradução dos Salmos. Este encontro reviveu o amor do monarca pelo hebraico. O rabino sugeriu ao imperador a tradução de poemas judaicos da região de Provença. Desta forma o convite estava feito para escrever as célebres "Poésies hebraico-provençales du Rituel Israélite Comtadin".

Para o Centenário da incorporação na França do Comtat Venaissin, Pedro II traduziu as canções hebraico-provençais que Benjamin Mossé lhe fornecera: três *Piutim* do ritual Comtadin, segundo duas velhas publicações: o "*Seder Há-Kontress*" (1765) e o "*Seder Há-Tamid*".

O rabino escreveu uma biografia sobre o governante brasileiro. Em carta de Benjamin Mossé a D. Pedro II (09/08/1890), o primeiro afirmou:

*"Uma das mais belas retribuições de minha vida será apresentar, como historiador francês, o maior dos modernos imperadores: D. Pedro II. Desejo que Vossa Majestade seja o primeiro a ler este livrinho que escrevi, quase todo, visando muito ao efeito que deve produzir, não só no estrangeiro mas principalmente no Brasil".*

#### Últimas reflexões

Concluindo, podemos afirmar que o fascínio que teve Sua Majestade D. Pedro II pelo judaísmo se apresentou nas mais variadas formas:

1) No seu amor à língua hebraica e sua paixão pelo "Livro dos Livros": a Bíblia.

2) No profundo desejo (como cristão) de conhecer de maneira profunda a História do Povo Judeu, e consequentemente a Terra de Israel, sonho concretizado somente em 1876.

3) Na sua forte admiração pelos judeus e a cultura judaica; fato que impulsionou Sua Majestade a convidar personalidades israelitas para participar de uma forma dinâmica na corte imperial.

4) Na constante preocupação em demonstrar uma visão universal e cosmopolita, a qual não seria completa se ignorarmos a contribuição judaica à Humanidade.

5) Na formação de sua forte benemerência filantrópica, este sempre presente a tradição judaica milenar.

Sendo ou não monarquistas, cabe a todos nós, brasileiros e cidadãos do mundo, julgar com lealdade, despidos de toda paixão, um dos maiores vultos da cultura ocidental; verdadeiro patrimônio nacional desta pátria amada chamada Brasil. ♦

#### Bibliografia consultada:

- Besouchet, L., D. Pedro II e o século XIX, Rio de Janeiro 1993.  
 Calmon, P., História de D. Pedro II, Rio de Janeiro 1975.  
 Calmon, P., O Rei Filósofo, Editora Nacional, S. Paulo 1938.  
 Faingold, R., D. Pedro II na Terra Santa, Editora Sêfer, S. Paulo 1999.  
 Lima, Oliveira, O Império Brasileiro, Editora Melhoramentos, S. Paulo 1927.  
 Lyra, H., História de D. Pedro II, S. Paulo 1938.  
 Moritz Schwarcz, L., As Barbas do Imperador, S. Paulo 1998.  
 Wolff, E., Judeus no Brasil Imperial, Ed. USP, S. Paulo 1975.

também de obras compradas. Desde Paris, um livreiro dos Rotschids era o fornecedor favorito.

Com nome tipicamente português, o Dr. Samuel Eduard da Costa Mesquita (1837-1894) era o dentista de D. Pedro. Casado com Mary Roberta Amzalak, filha mais moça de Isaac e Grazia Amzalak, uma das "três graças" eternizadas por Castro Alves no seu poema "Hebréia"; morava em São Paulo e viajava com frequência a Campinas onde trabalhava na sua profissão. Por falta de rabino em São Paulo, o Dr. Mesquita oficiava rezas nas festividades judaicas. Morreu em São Paulo sendo sepultado no Cemitério dos Protestantes.

A firma "Gabriel & Segrè" de Roma, recebeu o título de "Alfaiate de Sua Majestade" com permissão para colocar as armas imperiais no frontispício de seu estabelecimento. Entre os Segrè, encontramos escritores, professores e militares.

O casal Kahn, eram franceses que serviam de interlocutores nos saraus do palácio. As conversas abordavam as viagens, a língua hebraica e a Bíblia.

Nas finanças não poderia faltar a presença judaica. Um dos primeiros financistas da corte imperial brasileira foi Denis Samuel (1782-1860), respeitado por políticos e autoridades. Foi ele quem permitiu aos ingleses desenvolver o protestantismo no Rio. O reconhecimento da Inglaterra foi profundo, especialmente pela liberalidade manifestada por um judeu.

Apesar de não residirem no Brasil, membros da família Rotschild têm pontos de contato com a história econômica e financeira do país. O banco da fami-

lia, "Rotschild & Sons", espalhado pelos quatro cantos da Europa, operava desde Londres e financiou o nascente império brasileiro. Os três acionistas britânicos tinham um portfólio que incluía os maiores financiamentos da época. Num mundo difícil para os negócios, o caso do cliente brasileiro era relativamente simples; pois o governo brasileiro nunca discordava de seu banqueiro, até porque o barão Lionel se encarregava ele

*Os empréstimos para a construção da Estrada de ferro D. Pedro II, solicitada pelo barão de Mauá, foram feitos pelos Rotschids. Na longa lista de acionistas da "São Paulo Railway", em 1859, apareciam também outros judeus londrinos. A "Casa Samuel Phillips & Company" atuava no Brasil desde 1824. O judeu Samuel Pbillips era cumbado dos Rotschild.*

mesmo de aplicar o dinheiro pessoal do embaixador Carvalho Moreira. Esperto e muito ágil para negócios, o embaixador desejava ser agente dos Rotschids. Acertou-se com o Sr. Lionel de Rotschild, tornou-se obediente, e logo depois comprou uma casa em Londres onde dava festas. As sólidas relações entre Lionel e Carvalho Moreira ajudaram a aumentar os ganhos da conta com operações especulativas paralelas, sempre muito seguras. Os

empréstimos para a construção da Estrada de ferro D. Pedro II, solicitada pelo barão de Mauá, foram feitos pelos Rotschids. Na longa lista de acionistas da "São Paulo Railway", em 1859, apareciam também outros judeus londrinos.

A "Casa Samuel Phillips & Company" atuava no Brasil desde 1824. O judeu Samuel Phillips era cunhado dos Rotschild. A firma doava elevadas contribuições para filantropia, a saber: 50\$000 para o encanamento das águas do rio Maracanã (1830); 200\$000 para indigentes das Vilas de Diamantina e do Príncipe em Minas Gerais (1834); e 100\$000 para obras da Praça do Comércio (1834) no Rio.

No Museu Imperial há faturas da Casa Samuel Phillips, sob fornecimento de material para a confecção da carruagem de gala do Imperador D. Pedro II. A empresa deste judeu serviu também com lealdade ao monarca D. Pedro II. Samuel Phillips, pelas suas boas relações com o mercado financeiro londrino, sempre procurava obter taxas de juros mais baixas para o Brasil. Ele faz parte inseparável da história econômica do Império.

José Buschenthal era outro grande financista judeu. Efetuou transações com o Tesouro, obtendo o monopólio da venda do sal, que lhe deu imensos proventos. Em 1830, Buschenthal interessou-se pelo Brasil. Casou com Maria Benedita de Castro Pereira, uma das filhas da baronesa de Sorocaba. Negociou empréstimos e outras operações financeiras, e participou no fornecimento de armas e uniformes para o exército brasileiro. Além de obter honras como banqueiro e diplomata, foi também um diligente casamenteiro que "negociou" matrimônios imperiais